

Apresentação

“História e literatura: diálogos possíveis”

As aproximações e dissonâncias entre a história e a literatura tem sido objeto de intensos debates e disputas nos últimos trinta anos, especialmente no que diz respeito à definição das fronteiras entre história e ficção, ou, dito em outras palavras, à possível trajetória autônoma da literatura em relação aos seus contextos de produção. Esse número da revista *Intellèctus* se propõe a aprofundar tal debate a partir de estudos de autores e/ou obras ficcionais que problematizem as fronteiras entre história e ficção. Acredita-se aqui que, se de um lado cabe historicizar a obra literária, seu autor e seus personagens, também é interessante indagar ao autor e à sua narrativa sobre os conteúdos que tensionam as determinações do tempo. A pesquisa nos textos literários e sobre a polêmica trajetória dos seus autores como objeto de crítica, em meio à sintaxe e economia interna da narrativa, revelam testemunhos históricos que complexificam o entendimento de conjunturas históricas e de temas que, muitas vezes, extrapolam essa mesma conjuntura. É nesse sentido que cabe submeter os possíveis “inexplicáveis” do texto literário à inquirição do historiador e do crítico literário. Dessa forma, se é relevante estudar a obra literária em seu contexto, também é importante buscar diálogos de tempos e experiências distintas a partir dela. Parafraseando Mário de Andrade, em seus profícuos estudos da obra de Kiesserling, narrativas literárias podem guardar diálogos entre o lugar e o mundo que permitem encontrar e elucidar testemunhos históricos em momentos e contextos definidos, mas, permitem também, indagar sobre trajetórias mais amplas com significados cuja temporalidade rebelde convida a diálogos não necessariamente presentes apenas na conjuntura vivida pelo autor e pelos seus personagens.

Os artigos que compõem este número da revista *Intellèctus* formam um ótimo conjunto que aponta respostas distintas para as indagações que inspiraram as organizadoras do volume. São, por isso, ferramenta importante para adensar o debate proposto.

Rafael Ruiz escreveu “A ‘*Odisseia*’ de Homero e a condição humana”. O autor acompanha as vicissitudes de Ulisses considerando sua formação como ser humano, uma tópica do mundo ocidental, mas os argumentos desconstroem, mesmo que em parte, a visão do herói que criou a estratégia de vitória dos gregos em Troia, já que o enfrentamento da existência, a humildade e a aceitação das dificuldades é que formatam o homem, e não a heroicidade manifestada em guerra.

Rossana Pinheiro-Jones escreveu “Virgínia Woolf e o sentido do tempo”, artigo no qual visita a escritora inglesa sintetizando sua trajetória, marcada pelas vivências aristocráticas e patriarcais e por tentativas de rompimento e afirmação feminina, para, em seguida, iniciar uma análise do tema do tempo em sua obra, destacando o *Diário da Senhora Joana Martyn*. A obra é apresentada em suas vertentes feministas e nas aproximações que oferece entre literatura e história, já que os personagens do romance permitem conhecer a sociedade medieval inglesa. Desta forma, a autora articula o debate historiográfico à construção narrativa de Woolf.

Márcia Arruda Franco, em “De portugueses nos modernismos do Brasil – histórias por narrar”, destaca a trajetória de António Ferro no contexto das ditaduras dos dois lados do Atlântico luso. O português, conforme indica a autora, estabeleceu profícua interlocução intelectual a partir dos primeiros anos do modernismo brasileiro. Suas afiliações e distanciamentos, entre revistas e manifestos entre Portugal e o Brasil, são movimentados pela autora para relevar o diálogo cultural então construído.

O escritor Ricardo Lísias, autor e estudioso de autores, investiga os sentidos da obra de Rubem Fonseca no tempo da ditadura militar. Segundo o autor, Fonseca se destacou na inauguração da literatura de ficção voltada para a violência urbana e, neste sentido, pode também ser visto como um dos responsáveis pela construção da figura do policial no imaginário da época. Lísias, desta forma, perscruta o texto literário em suas imbricações com o tempo vivido por Fonseca, e o resultado é a complexificação das ainda presentes relações do nosso tempo vivido com aquele narrado por Fonseca no que diz respeito à violência urbana.

No artigo “Em busca de um padrão: moda, beleza e vida social na obra de Joaquim Manuel de Macedo”, Mariana de Paula Cintra nos leva de volta ao século XIX e nos

apresenta, por meio de uma análise de preceitos de ordem moral retirados de impressos sobre o cotidiano fluminense, padrões de comportamento, moda e beleza que dialogam com as narrativas de Macedo. Seu estudo explicita os múltiplos modos de produção da verdade e de discurso nos oitocentos.

Ricardo Russano dos Santos escreveu “Do agregado ao pobre-diabo: mudanças e permanências na literatura e na história do Brasil, 1870-1930”. Revisitando o debate sobre o chamado “agregado”, elemento constitutivo das narrativas brasileiras pós 1870, o autor elabora um panorama histórico e examina as continuidades entre o “agregado” e o “pobre-diabo”, este característico do chamado *romance de 30*. Tomando por critério o diálogo com reflexões históricas já estabelecidas, o parentesco entre os dois “tipos literários” é revelado e discutido.

Rafael Vaz de Souza escreveu “A história como pesadelo: a representação alegórica da Argentina peronista no romance *El examen* (1950) de Julio Cortázar”. Trata-se de encontrar, na obra de Cortázar, os diálogos por ele estabelecidos com a Argentina peronista e que se manifestam no romance. Desta forma, a figura de Eva Perón, um comício na Plaza de Mayo, a figura de um caudilho e a violência do regime, para além de compor a narrativa, revelam a Argentina construída pela pena de Cortázar.

No artigo “Há verdade na ficção? - uma discussão com Coelho em crise de John Updike”, Leandro Thomaz de Almeida discute as possibilidades de realidades presentes em narrativas literárias, além de apontar aproximações e distanciamentos entre literatura e história. Para tanto, o autor nos apresenta John Updike e sua obra *Coelho em crise*, na qual narrou problemas candentes da sua circunstância social e política.

Jean Pierre Chauvin escreveu “Argumentação do diabo” no qual, a partir de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, destaca o que considera ser a argumentação do diabo conduzindo a narrativa de Saramago. O autor discute com a bibliografia sobre a figura do diabo construída pela Igreja Católica e, desta forma, adensa o seu texto articulando elementos de construção narrativa e elementos de compreensão histórica dos temas sugeridos por Saramago.

No artigo “A arte da autoinvenção no romance *Nove Noites*”, Joanita Baú de Oliveira analisa a narrativa de Bernardo de Carvalho considerando a trajetória dos protagonistas, o processo de elaboração do romance e a metaficção no enredo. O debate proposto evoca as tensões e possibilidades inscritas nas relações que se pode estabelecer entre fatos vividos e narrativa fictícia.

Por fim, Victor Callari, no artigo “Um problema de taxonomia? Graphic Novels como literatura de testemunho: O caso de Art Spiegelman”, oferece tempero a este número ao trazer para o debate sobre as aproximações e dissonâncias entre História e Literatura uma Graphic Novel, ou simplesmente HQ como preferem alguns. A literatura de testemunho, aqui inscrita na Graphic Novel *Mauss*, de Art Spiegelman, neste artigo, permite ampliar o debate sobre as narrativas contemporâneas e os muitos gêneros que lhe oferecem suporte, além de estabelecer pontes profícuas entre esses gêneros e a cultura de massas.

Enfim leitor, se o conjunto dos textos é diversificado, o debate resultante dos muitos diálogos que saltam desse número será ainda mais plural, e portanto vocacionado para distribuir dúvidas, tão fundamentais para a nossa existência nos tempos que vão.

Ana Nemi (Departamento de História da EFLCH/Unifesp)

Mirhiane Mendes de Abreu (Departamento de Letras da EFLCH/Unifesp)

Julho de 2019.

iv

DOI: 10.12957/intellectus.2019.36104